

## Sociedade e espírito, acção política e sinceridade intelectual

«Os políticos falam em revoluções políticas, sociais... O que é preciso, antes de tudo, é a revolução do espírito humano.»

IBSEN.

«A Revolução é a própria elucidação das ideias.»

PROUDHON.

A juventude — essa aurora breve, — é por natureza impaciente e fêrvida, um pouco dada à megalomania, grande amadora de soluções teatrais. Às vezes, inconsciente das injustiças que faz, se os acasos da vida ou de um mau encontro a tornam insensível a uma nobre amizade, à beleza insinuante das maneiras cultas, ao aprêço exacto dos valores do espírito. Em todo jovem com sangue na guelra há sempre o germe de um bom demagogo, e foi para uso dos juvenis leitores que se gerou a mística do acto explosivo no cérebro caótico do falecido Sorel. Apesar-disso, a juventude ardorosa é sempre interessante, até quando pretende meter a ridículo aqueles que a trataram com carinho inquieto, com paterno amor...

Tem tôdas as graças da adolescência tórrida a prosa caricatural dêste jovem crítico, que nos está instruindo na SEARA NOVA sôbre o dever social dos «intelectuais». Não sei que alegam em sua defesa os membros restantes da «Intelectualidade». Eu vejo-me forçado a responder por mim, — o que faço, aliás, de *mui mala gana*, porque estou cheinho de ocupações.

O jovem crítico, repetidas vezes, discordou do meu hábito de discutir ideias dirigindo-me directamente aos meus contrários: cumpria (opinava êle) que eu me dirigisse unicamente ao público, que fôsse abstracto e impessoal. Pelo menos (e por isso mesmo) está indicado que o faça agora. E assim vai ser.

Diz êle desta forma:

«A verdade é que, com raras excepções, êsses homens fizeram dos seus apostolados, das suas lutas, simples exercícios espirituais... possuídos da certeza de que o reduzido número dos seus leitores constituirá *necessariamente* a elite da qual esperam a solução dos problemas portugueses. A multidão, o povo, se preferem, desapareceu quasi por completo dos seus escritos, — o povo que é o instrumento e deve ser, em democracia, o terreno e o fim das grandes lutas e renovações sociais. A reforma da mentalidade não pode estar na simples especulação de ideias... mas na condução harmoniosa e total das massas aos objectivos de renovação nacional... O povo é, socialmente, a única massa plástica, receptiva,

capaz de consagrar e vivificar o pensamento dos intelectuais... ¿Que é, pois [para aqueles homens] a revolução? Simplesmente — *o surge et ambula* intelectualista. Consiste em produzir ensaios e artigos modelares, de estilo apimentado e de recorte elegante, em pronunciar conferências modelares que implicam risonhamente com a moral burguesa, — e em ir para casa, lido o *Figaro* e o *vient-de-paraitre*, de chinelos, no agasalho confortável de um lar burguês, esperar que o mangerico da revolução cresça cá fora, dê cheiro e floresça»...

Limitar-me hei, perante o gracioso da caricatura, a explicar-vos o meu modo de ver, que é o seguinte:

Eu nunca sonhei em actuar com pressa, — demagógica-, milagreira- e instantâneamente, — porque nunca até hoje me supus um Deus. Uma *verdadeira* Revolução num povo — um acréscimo *assegurado* de emancipação humana — é trabalho complexo para um constante esforço, que só é possível levar a cabo quando haja gente já educada e numerosos técnicos realizadores. Se eu fôsse um Deus, capaz de efectuar uma Revolução sôsinho (dispensando o auxílio dêsses mesmos técnicos e os dotes realizadores dêsse mesmo povo) seguiria logo o parecer do crítico: atirar-me hia apressadamente à «condução harmoniosa e total das massas» (se elas fôsem tão crentes e tão maviosas que se deixassem conduzir por conduções totais); as massas, conduzidas por mim, pôr-me hiam num trono ou num altar; e eu, sendo um Deus, realizaria o milagre da multiplicação dos pães. Mas como estou certo de não ser um Deus, e que não existe ainda no meu país um escol de competentes em bastante número para substituírem a acção de um divino querer, poderia sómente dizer à massa:

— «Quem te há de salvar serás tu mesma, no dia em que tiveres no teu próprio seio uma elite de virtude e de saber: e não uma elite de dois ou tres, nem de vinte ou trinta, mas de muitos homens bem preparados, de prática orientação e de ideias claras; de camaradas instruídos que trabalhem contigo, e que ajudem os outros na organização sindical, na disciplinação interior, na elu-

ciação do espírito, na resolução cotidiana dos problemas múltiplos que precisarás de resolver metódicamente, até que seja o trabalho quem empregue o capital, e não o capital quem empregue o trabalho. Dentro deste programa que considero nosso (meu e teu), a minha ambição reduz-se a isto: poder auxiliar-te a criar em ti — *em ti*, no ambiente operário — essa boa elite moral e técnica. Dá-me apoio, se acaso podes, para fundar uma escola de instrução primária, — uma escola primária *que seja para ti, para as tuas necessidades e aspirações*, e onde se ensine pelos processos novos que tenho preconizado há mais de tres lustros. Mas não te iludas: um bom sistema de instrução primária é cousa difícil de pôr por obra, e que pede a existência de outras cousas várias. Para chamar à existência essas cousas várias me gastei em artigos e em controvérsias, em alfarrábios e em prelecções. Vês? Uma *boa* escola de instrução primária. Não me proponho oferecer-te mais, porque estou convencido que não sou capaz. Falando-te assim, levo-te talvez a chamar-me fraco, acanhado, timorato, inútil, alma sem fé e sem calor. Pois chama o que queiras. É-me indiferente. Não nutro esperanças de penetrar na História; não tenho o desejo de parecer Herói, Fazedor de Milagres, ou Semi-deus. Tão só pretendo que nunca possas, com motivo justo, dar-me o cognome de Charlatão. Pois mais não seria que um charlatão se te considerasse a ti uma massa plástica, receptiva, mole, e eu fadado por meu só esforço — e sem primeiro me explicar contigo — a dar-te « condução harmoniosa e total ». Não, não tenho fumos de conduzir ninguém. Nunca apelaste para a minha pessoa que eu não acudisse da melhor vontade, a dizer-te aquilo que me parecia justo: mas nunca me impinjo, não te arrasto comigo, não te excito os nervos, não te pego fôgo, e não quero ser chefe nem condutor. Tenho por ti o suficiente respeito para te não considerar uma simples « massa » — receptiva e plástica. O jovem crítico lidou comigo. Como bem sabe, nunca o tratei como « massa plástica », mas sim como um espírito inteligente e livre. Nunca pretendi chefiar o jovem, mas disse-lhe sempre: « sê um autónomo ». Ora, não penso em tratar os jovens do povo de maneira diversa da que usei com êle, bacharel e burguês. Nunca se pode libertar os outros: tem cada um de se libertar a si. O que se pode, é dar a conhecer a cada alma humana o processo da auto-libertação: mas é isso uma obra « intelectualista », feita de trabalho cotidiano, de sérios « exercícios espirituais ». O meu desejo — ó homem do povo! — é que sejas emfim o condutor de ti mesmo, como sempre prèguei aos senhores bacharéis. Pretendi sempre falar-te ao cérebro, que é como quero que me falem a mim;

tenho-te tratado como meu igual. O *meneur* das massas arrebatava as turbas: e um dia (como na Rússia, como na Itália) é tirano delas. Se algumas das centenas de milhares de individuos que teem pretendido conduzir as « massas » (as massas « receptivas », as massas « plásticas ») tivessem desistido do papel de *meneurs* para só se consagrarem ao que eu quero fazer (e a cousas análogas), — as « massas » estariam já talvez libertas. Teriam deixado de ser « massas plásticas » para serem sociedades de seres autónomos. « Massa »: o próprio vocábulo me não agrada, e nunca o empreguei senão em Física. Chamar « massa » aos outros, — é separar-se deles, é armar em « senhor ». Para mim, os outros homens não são nunca « massa »: são gente e almas, — são meus irmãos. Ou êles não são « massa », ou também eu sou; e se o sou, rejeito o papel de matéria plástica nos dedos ambiciosos de qualquer escultor. Trate cada um de se esculpir a si, — de se conduzir a si, — que já tem que fazer. Não quero condução, e muito menos « total ». Só os jesuitas, até hoje, com o seu *perinde ac cadaver*, pensaram em fazer a « condução total ». O povo é « instrumento », nos revela o crítico: eis uma frase que me não seduz. Em boa moral, ninguém é instrumento, ninguém é meio. O ideal do educador é converter a « massa » — a massa receptiva, a massa informe, — em livres consciências, em seres morais: processo contrário ao do demagogo, que quer a « massa » cada vez mais « massa », cada vez mais plástica, cada vez mais turba. Se assim como sou (e tal como penso) eu posso ajudar-te em alguma cousa nos teus esforços de emancipação, — estou pronto a servir-te, ó homem do povo: é isso precisamente o que mais desejo. Mas já te previno: não quero elevar-me sôbre os teus ombros, não busco lisonjear-te nas tuas paixões, não mudo de ideas para te agradar. Não tenho dois credos, duas maneiras, duas doutrinas: uma para o burguês, e outra para ti.

« Vê o que se passa na Rússia de hoje. Os verdadeiros revolucionários são ali tratados com tanta fúria como na Itália de Mussolini. Com Mussolini, aliás, se aliou o govêrno dos Sovietes. O trabalhador russo conhece a fome, mas o trigo da Rússia é mandado à Itália. E porquê? Porque, quando se fêz ali a revolução soviética, não estava ainda bastante avançada aquela profunda revolução do espírito, condição primária de todo Bem. Ainda as almas não eram livres. Por isso, realizou-se a pleno a « condução total ». A mudança de instituições não adianta nada se não fôr precedida da libertação das almas: e não se faz esta pela voz dos tribunos, por aquele manejo passional e abstracto, apressado e cálido, duma « massa plástica e receptiva », segundo a frase do

juvenil censor. A « massa », pelo contrário, só estará capaz da Revolução autêntica — de fazer uma Revolução assegurada e sólida — na medida em que ela, pela educação (na escola, no sindicato, e na própria oficina) deixar de « ser plástica e receptiva » para assumir forma definida e própria, e para se tornar apta a *criar* e a *dar*, em vez de *tomar* e de *receber* ».

Eis aí, em breve, o que eu diria às « receptivas massas », se fôsse convidado a discursar às « massas » sôbre aquilo que penso do seu próprio bem.

Fazem-se escravos revoltados por meio do processo da « condução total »; um escravo revoltado, porém, não deixa por isso de ser um escravo, desde que vive em escravidão interior; e só se consegue a libertação interior por meio de « exercícios espirituais ».

Procura apoiar-se o jovem crítico sôbre uma assimilação precipitada e falsa da nossa geração e da geração de Antero. Tôsca assimilação, precipitada e frágil. Se temos, com efeito (e de maneira genérica), uma certa semelhança no ideal visado, a nossa atitude ante o problema prático é de todo diversa da que êles adoptaram. Tenho passado tôda a minha vida a assinalar discordâncias das mais profundas com os homens da geração de 1870, e a isso consagrei, bem pode dizer-se, uma boa parte dos meus *Ensaio*s: e argumentam agora contra mim... com o fracasso da obra deles! Vejamo-los a êles. Uns acabaram abandonando a luta; muitos, desdizendo o que haviam dito. Perante o fracasso, vimo-los renegarem o seu próprio ideal, quando tinham sobretudo que renegar o método; e o jovem conclue:

« Considerem-se agora os homens da geração presente, os intelectuais que, de Antero para cá, foram os únicos a assumir atitudes e responsabilidades perante os acontecimentos. Basta lembrar a situação em que se encontram. Será, então, necessário acreditar que os homens do Espírito ou serão banidos ou estrangulados? »

Limito-me, como sempre, a responder por mim.

Duas cousas, ao que supponho, me aproximam dos homens da geração de Antero, e duas outras me afastam deles. Aproximam-me o interêsse pelos problemas da grei, e a inspiração geral com que tento abordá-los; afastam-me, em primeiro lugar, a pequenez evidente dos meus recursos, e depois o facto de que o revolucionarismo deles se mostrou por essência sentimental e abstracto, romântico, passional, milagreiro, vago, ao passo que o meu, pelo contrário, teve sempre o desejo de se manter concreto, essencialmente construtivista e prático. Sigo na mesma orientação geral, se assim quiserem; mas segundo um método que é to-

talmente diverso, e até oposto. Método destituído, confesso, de tôda espécie de teatralidade.

Êles acreditaram, em primeiro lugar, no efeito *directo* e *imediate* da sátira social e da acção política. Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Ramalho Ortigão, e logo depois Fialho de Almeida, mostram-se crentes na acção criadora da literatura sarcástica e contundente, da caricatura e do bisturi. Acresce que atacaram, quási sempre, vícios aparentes e superficiais. Ao mesmo tempo — exceptuando Martins, e em fraca escala, — nunca nos propuseram uma idea concreta; limitaram-se ao abstracto ou ao puro fantástico. Quando o Ramires da *Ilustre Casa* se converte enfim a um pensar idealista, — o autor atira-o para a costa de África. Para fazer o quê? Nunca o soubemos. Eça arremessou-o para o ultramar, porque não fazia a menor idea da obra reformadora que o herói do livro poderia executar na sua própria terra. Socialmente, e pelo que respeita às condições do país, o que êle observou e descreveu nos romances foram tudo aspectos de superfície; aspectos, em suma, de uma roda de gente que não actua nos órgãos vitais da sociedade. Os grandes homens da geração de Antero, ao que se me afigura, não nos deixaram para a *construção* uma idea concreta que se aproveitasse. O que nos não impede, claríssimo está, de admirarmos enormissimamente os valores literários que nos deixaram.

Não foi essa, desde princípio, a linha de trabalho que eu quis seguir. Sempre considerei a acção política — para meu uso próprio — como simples instrumento da acção pedagógica; quanto às letras, nunca esperei delas uma acção directa. Os Eças, os Junqueiros, os Gomes Leal, etc., mostraram-se convictos que lançando a sátira melhorariam as almas pelo ardor da sátira — e que assim, sem mais, se realizava o Bem; eu tenho escrito a reclamar *outros* meios (meios concretos, positivos, práticos) de preparar a reforma da nossa gente, e esforço-me por chamar aqueles que me lêem ao estudo concreto do que há a fazer. Êles limitaram-se a irritar os ânimos contra os males presentes da sociedade; eu pedi planos de realização cotidiana, coisas a criar e a construir, vistas e estudadas no seu pormenor, — penetrado da máxima de Augusto Comte que só se destroi o que se substitue. Peço homens, planos, ideas, cousas, capazes realmente de *substituir*. Até hoje, nada de facto se substituiu ainda. *Por falta de ideas* (repito: *por falta de ideas*) substituem-se as coisas por outras iguais. A pergunta de Antero continúa actualíssima: « Mas, ex.<sup>mo</sup> senhor, será possível viver sem ideas? Essa é que é a grande questão ». Eu estou na crença que nos faltam ideas; o ardente moço, pelo contrário, acha que as ideas já são de

mais. E como julga que as tem avondo, sente-se com pressa de «conduzir as massas».

O joven crítico confunde as cousas, e não se percebe o que êle quer afinal. Por um lado, parece que só crê nos instintos rábidos, nos efeitos benéficos das «reacções espontâneas» (das «súbitas», das «naturais») e nas «grandes rajadas de retórica» vácuas; que só reconhece eficácia real à acção da «irreverência dos caricaturistas, das campanhas políticas, do exaspêro do povo, do sangue derramado, do misticismo, emfim». Por outro lado, porém, ataca Fialho pela «demolição amarga, epiléptica, plebeia», e comprova a falência de um Guerra Junqueiro, de um Gomes Leal, de um Teófilo, que se fiaram da irreverência e do desespero, do cego «misticismo» e da rabidez. Se o que presta, ao cabo de contas, são só os resultados da violência mística, — Junqueiro, Teófilo, Gomes Leal, Fialho (e outros demolidores de menor calibre) fizeram aquilo que lhes cumpria fazer, e o resultado da obra devia ser bellissimo. Mas não foi, verifica o crítico. Que querê êle então?

Quanto a mim, continuo a acreditar que se a fórmula «República» não deu entre nós o que se esperava dela, foi porque nos faltaram as ideas claras, os planos minuciosos de reforma prática, a falange de homens de capacidade técnica que soubessem resolver-nos concretamente os grandes problemas nacionais; e o melhor serviço, portanto, que se pode prestar à nação portuguesa, é ajudá-la a criar êsse escol de acção, que saiba *realizar* o que nos é preciso, — aquilo que, por falta de estudo e de conhecimentos sólidos, se não fêz ainda.

E êsse tem sido, por isso mesmo, um escopo essencial da SEARA NOVA. Se nós abandonarmos êsse papel *que é necessário*, — quem é que no país o deverá assumir?

Lamenta o crítico, com generoso ânimo, a situação em que vivemos hoje. Por mim, não lamento nada, e tudo me parece natural e lógico. Ao pôr-me ao serviço do Bem comum, sabia que o que tinha no meu futuro não era o triunfo e a corôa cívica, o aprêço dos cultos e o amor das plebes, nem o respeito, nem a gratidão. São já 20 anos de luta amarga, que não deixam na alma o mais leve amargor: e se tiver a sorte (tão rara entre nós) de não ir um dia para Val-de-Lobos, de me não trair, de me não desviar, — atribui-la hei ao feliz acaso de ter vindo para a liça com ideas claras, e sem megalomanias nem paixões. Sou, aliás, dos menos sacrificados na situação presente, e não é injusto (e até diverte) o querer neste lance troçar comigo; o mesmo não digo de um Raúl Proença, de um Cortesão, tão nobres e calmos nos transes mais rudes, e que sempre viveram no sacrificio, — nas vias angustas do apostolado, nas fráguas ascéticas da abnegação, —

quinhoeiros voluntários dos mais graves perigos, dos da guerra estrangeira aos das lutas cívicas: e agora acusados em prosa faceta de verem o florido do mangerico olente «no agasalho confortável de um lar burguês»...

Mas voltando ao ponto. Agir, para mim, consiste em mover o nosso corpo por ideas claras do nosso espírito; ou em modificar as cousas, ou os outros homens, por ideas claras. O mais é espreitar, barafustar, esbracejar, gritar, ou levar os outros a barafustar: mas não é agir.

Um ponto há no artigo do jovem a que quero fazer uma referência rápida, porque toca no essencial do que êle nos diz. Logo de início, traz êle à baila «a ditadura de Péricles». O govêrno de Péricles, todavia, não teve o carácter que lhe atribue. Foi um govêrno pela *persuasão*. Existia uma particularidade na linguagem grega que a mim me parece do melhor sabor: um mesmo vocábulo representava nela, simultaneamente, as ideas de *ser persuadido* e de *obedecer*. Propendo a crer que essa palavra grega é a mais civilizada e de maior beleza, que é a mais humana que se ainda achou. Péricles mandava persuadindo o povo: persuadindo o povo ponto por ponto, falando-lhe ao espírito, cotidianamente. Não hipnotizava pela eloquência «mística», que impulsiona o músculo sem esclarecer o cérebro: senão que convencia por ideas nítidas, pelas melhores razões. Releia-se em Tucídides, no terceiro livro, o discurso de Péricles na cerimónia fúnebre pelos mortos na guerra do Peloponeso. Cita-se comumente êsse discurso célebre como das expressões mais típicas, mais acabadas, do claro racionalismo que inspirou Atenas, como um dos mais puros e dos mais luminosos de todos os «exercícios espirituais». Se a política persuasiva das ideas claras constitue com efeito um «delicioso sonho» (como o crítico diz), essa mesma delícia realizou-se já: e pelo seu Péricles, precisamente. Pois queremos que o «sonho» se repita um dia, porque o nosso desejo é que a humanidade suba, — e não que retroceda, ou que se mantenha, ao nível inferior da motricidade animal. Não desistimos do «delicioso sonho» de que a «massa» um dia deixará de ser «massa»; pelo contrário: quiséramos que a «massa» já não fôsse «massa», por estar convertida em vibrações de luz. Nós-outros vivemos no «delicioso sonho», e não queremos dêle excluir ninguém. Todos chamados, eleitos todos: preferimos sonhar êsse sonho nobre a explorar a ignorância do nosso irmão; preferimos a tentativa de dar vista aos cegos (embora com o risco de ela ser quimérica) a deixá-los cegos para os «conduzir». «Conduzir» um homem sem lhe explicar para onde (sem lhe dar ideas, sem dizer razões) é tratar êsse homem com o maior desprezo. Ataca o crítico a

«moral burguesa»: pois tratar a «massa» como pura «massa», «receptiva» e «plástica»; achar que esclarecê-la é uma perda de tempo, um «sonho delicioso», uma ridicularia; desejar que a «massa» seja sempre «massa», e para sempre excluída do viver do espírito,—isso, bem considerado, é o vício mais grave do pensar «burguês».

O que prova ao crítico (uma vez ainda) a necessidade que temos todos de bons «exercícios espirituais» e do uso cotidiano da oração de Sócrates, a qual se resumia em pedir aos deuses a única dádiva da *beleza interior*. Porque na raiz, com efeito, da actual divergência entre nós e o crítico, existe um problema que se apresenta assim:

¿Será possível (como a alguns parece) fazer obra sólida e assegurada para melhoria da sociedade, sacrificando ao desejo da acção externa a liberdade interior das consciências, a pura sinceridade intelectual? ¿Será possível uma sociedade nova, sem um número suficiente de mentalidades novas? Pode-se reformar efectivamente, fazendo-o só *pelo exterior*? Nós-outros supomos que não; cremos que a reforma do ser interior é necessária à da sociedade, e que são verdadeiras, em grande parte, estas palavras de Jesus Cristo: «buscai o reino de Deus e a sua justiça» (isto é: buscai a reforma do espiritual) «e tôdas as outras vos serão acrescentadas». Ao que nos parece, a divergência entre nós e o crítico assenta numa base que tem semelhança à que está subjacente ao antagonismo entre os bolchevistas e os anarquistas, ou anarco-sindicalistas,—ou, por outra forma, entre Marx e Proudhon. Moralmente, corresponde à daqueles a situação do crítico; a nossa situação, pelo contrário, corresponde à dos últimos.

#### ANTÓNIO SÉRGIO

NOTA. De um artigo de Gaston Leval reproduzido na *Batalha*, de 8 de Novembro, recortamos o seguinte período:

«Temos que dizer aos trabalhadores, valendo-nos das revelações documentadas nos próprios órgãos comunistas e que Panait Istrati reproduz em *Rússia al desnudo*, que na Rússia se dispõe para viver, segundo o dito popular, de «as dimensões de um ataúde»; que, aproximadamente trinta milhões de seres carecem de trabalho; que as condições alimentícias da classe operária são espantosas; que há milhões de homens e de mulheres que trabalham ao dia por uma ração de alimentos ignóbeis; que a maior parte das mulheres devem prostituir-se na oficina, no campo, na mina, na fábrica, no escritório, no teatro, nas dependências do Ministério da Instrução Pública e da sua burocracia, seus inspectores e directores de escola. Tudo isto para poderem trabalhar. O que Panait Istrati cita a este respeito é tremendo.»

Perante isto, os nossos camaradas de *A Batalha* devem ter a opinião que nós temos acêrca dos resultados da «condução total». E a mesma, certamente, acêrca dos «exercícios espirituais», condenados pelo jovem crítico, pois que no mesmo número do periódico, em artigo de fundo, terceira coluna, se lê o seguinte: «Noutros tem

pos realizava-se *acção doutrinária e educativa*... Hoje, para se destruir o que levou anos a conseguir, bastam a intriga e a calúnia». É o processo em que caem, infalivelmente, todos os que em vez de libertar consciências, para que elas depois se conduzam a si, se apressam a «conduzir as massas plásticas».



## Um guia de Portugal em Francês

A importante casa Hachette, de Paris (79, Boulevard Saint-Germain), acaba de publicar um guia do viajante em Portugal, Madeira e Açôres. Compreende 425 páginas (100 de introdução e 325 de texto), 14 cartas e 14 plantas. Êste *Guide Bleu* de Portugal, que foi dirigido por Raúl Proença, fica sendo o mais completo até hoje publicado, incluindo mesmo os trabalhos congêneres redigidos em Portugal.

Por não ter podido ver Raúl Proença as últimas provas, a tipografia deixou de fazer certas correcções ou fê-las mal. A lista das erratas não é importante, mas o nosso amigo deseja dá-la na SEARA, para que todos os assinantes que adquirirem êsse volume de propaganda e descrição sumária da nossa terra possam fazer nos seus exemplares as correcções mais importantes.

São as seguintes:

Page	Colonne	Ligne	Errata	Corrigenda
LIV		14	Soralla	Sorolla
LXVIII		16	p. 197	p. 292
"		"	p. 266	p. 305
LXX		42	p. 245	p. 248
LXXIII		9	administração	administração
XCVII	1 <sup>e</sup>	21	oeuf à la coque	oeuf dur
"	"	24	oeuf poché	oeuf à la coque, poché
"	"	57	queute	quente
"	2 <sup>e</sup>	31	Póde	Pó de
XCVIII	"	31-32	ajimais	ajimeces
23	"	36	Alcobaça	Alcobaça
24	"	49	93, 3 <sup>o</sup>	Rossio, 93, 3 <sup>o</sup>
38	"	28	1917	1927
60	1 <sup>e</sup>	25	Azenhas dor Alar	Azenhas do Mar
159	"	4	Tavina	Tavira
169	"	41	couvertes de bois sombres!	sont tantôt couvertes de bois sombres
177	2 <sup>e</sup>	16	p. 249	p. 240
194	"	45	à dr.	À dr.
209	"	54	S.-E.	N.-N.-O.
252	"	46	cabeco	cabeco
"	"	46-47	restangulaire	rectangulaire
265	"	49	1,547	1,5478



## NO PRÓXIMO NÚMERO

Artigo de Vitorino Nemésio sobre Raúl Brandão.